

A Guerra no Bom Fim e o Bom Fim do *shtetl*

A gênese da temática predominante nas obras de Moacyr Scliar

LEOPOLDO OSÓRIO CARVALHO DE OLIVEIRA

Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e
Professor Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO Este artigo examina o romance de estreia do escritor judeu brasileiro Moacyr Scliar, *A Guerra no Bom Fim*, de 1972, buscando demonstrar que seus principais temas, bem como o tratamento dado a eles na escritura ficcional, são a gênese do temário predominante no restante de sua obra de temática judaica.

ABSTRACT This paper examines the first published novel by Moacyr Scliar, a Jewish Brazilian writer, *A Guerra no Bom Fim* (The War at Bom Fim), 1972, claiming that its main themes and the fictional treatment given to them are the genesis of the dominant theme in his upcoming novels of Jewish thematic.

PALAVRAS-CHAVE Imigração, judeidade, aculturação, identidade.

KEYWORDS Immigration, *Jewishness*, acculturation, identity.

COMO MUITOS IMIGRANTES (JUDEUS OU NÃO), A FAMÍLIA DO ESCRITOR JUDEU-BRASILEIRO, Moacyr Scliar, chegou ao Brasil de navio, vinda da Bessarábia. Na época da chegada, o experimento de assentar judeus em zonas rurais no sul do Brasil e Argentina (as famosas colônias do Barão Hirsch)¹ já havia terminado (na verdade, fracassado). Como consequência, a família dirigiu-se a uma das maiores áreas urbanas do país, Porto Alegre.

Acontecimento marcante na trajetória desses imigrantes, a travessia do Atlântico – suas condições de higiene, alojamento e alimentação a bordo e, principalmente, os duradouros laços de amizade e solidariedade criados entre os passageiros que compartilhavam o mesmo destino e aspirações (a par de uma história de vida muito semelhante) – é parte importante de muitos relatos memorialísticos, obras literárias e mesmo produtos midiáticos, como as novelas globais “Terra Nostra” e “Esperança” (sobre a imigração italiana) e o documentário “Irmãos de Navio”² (sobre a imigração judaica).

Descrições de viagens marítimas são muito comuns na literatura mundial desde muito cedo na história da humanidade, sendo a ocorrência mais conhecida presente no relato bíblico a história de Noé e seus filhos. Nessa longa tradição, encontramos relatos que se assemelham ao que hoje chamaríamos de “antropologia” (descrição de povos e seus costumes), documentos de valor histórico e narrativas fantásticas e imaginativas, uma mescla da observação de fauna e flora reais com elementos dignos de figuração em um bestiário medieval.

Entretanto, o que nos interessa aqui são as viagens judaicas através dos mares, especialmente os movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX para a América do Sul, Estados Unidos e Palestina, por suas motivações específicas e posteriores consequências políticas e socioculturais, a não se mencionar a total reconfiguração da demografia judaica na contemporaneidade.

Ao se chegar às obras de Scliar, observa-se com certo espanto uma desconcertante economia, quase ausência, de descrições das viagens por mar até o Brasil e das expectativas dos passageiros em relação à nova terra. Como o autor pertence a um povo com longa tradição de narrativas de viagens e, fundamentalmente, lida com experiências análogas de imigração, o relegar a segundo plano a descrição do trajeto e dos acontecimentos nele ocorridos não é mero acaso.

Podem-se aventar algumas possibilidades para esta compressão de memórias transatlânticas e seu relativo pouco peso na construção dos significados das narrativas, a não ser por seu caráter de importante elemento sinalizador de que as raízes das personagens têm origem em outro contexto sociocultural e como diferenciação entre os imigrantes e seus descendentes aqui nascidos.

No caso de Scliar, possivelmente se está diante de um caso de “transferência parcial de memórias”, ou seja, a vivência tanto das travessias marítimas quanto dos primeiros tempos na nova terra dizem respeito a seu pai (a mãe já nasceu no Brasil) e companheiros de viagem. Sua visão do fato, mediada também pela imaginação, advém de “relatos de segunda mão”, do “ouvir falar”. O mesmo se pode dizer, em uma perspectiva mais radical, da experiência agrária dos judeus no sul do país, uma vez que tais relatos não pertencem ao repertório mais próximo dos “causos” de família.

Entretanto, as possibilidades acima aventadas são puramente de ordem pragmática. O fato de não ter passado por determinada experiência não é condição suficientemente impeditiva para que um autor não seja capaz de recriá-la no mundo da ficção. O que importa aqui são as consequências narrativas do afastamento do modelo proposto para descrever e analisar os deslocamentos judaicos. Pode-se dizer que uma junção de motivos práticos e estruturais enforma as narrativas da vinda dos imigrantes ao nosso país. As descrições das viagens, judaicas ou não, a par de não pertencerem ao repertório de experiência pessoal do autor, já se encontravam bastante disponíveis, principalmente na obra de autores como Sholem Aleichem, Agnon e, no Brasil, Marcos Iolovitch.

Por outro lado, o que representa uma questão estrutural, os enredos dos primeiros romances, contos e novelas da obra scliariana têm, majoritaria-

mente, como personagens centrais os filhos dos imigrantes, como se constata logo em seu romance de estreia, *A Guerra no Bom Fim*. Sob este ponto de vista, é natural que a viagem por mar e as expectativas dos recém chegados sejam postas em um segundo plano nas narrativas, uma vez que o que está em jogo aqui são as questões e tensões identitárias de sujeitos divididos entre os padrões de sociabilidade e identificação do local de nascimento e a tradição familiar.

De qualquer forma, sejam quais forem as razões para essa economia na descrição das transferências dos imigrantes ao Brasil, as “viagens sem trajeto” acabam por ser de suma importância na estrutura escritural, uma vez que serão um padrão repetido, tomando várias feições, ao longo das obras em questão; prefaciando um jogo de mobilidades e imobilidades, físicas e culturais, das personagens e forjando uma pluralidade de significados, típica do ficcional literário.

Lançado em 1972, *A guerra no Bom Fim* ocupa um lugar especial na obra de Scliar por conter em si, explícita ou potencialmente, todas as características que estarão presentes ao longo de sua carreira ficcional, desenvolvidas, retrabalhadas ou radicalmente transformadas. Neste romance, a personagem central é um menino, Joel, através de cujas fantasias e memórias de infância descortina-se o rico panorama sociocultural da comunidade judaica do bairro do Bom Fim na Porto Alegre do início dos anos 40 e o impacto dos fatos da Segunda Guerra Mundial em seu seio.

A narrativa tem início com a descrição do bairro, visto pelos meninos como um pequeno país, e suas “fronteiras” (por um lado, o centro da cidade; por outro, o Morro da Velha, onde viviam descendentes de africanos). Grande parte dos relatos concentra-se na descrição bem humorada da vida familiar, das relações com os vizinhos e suas histórias

de vida e de aventuras típicas de moleques de bairro. Entretanto, as tensões do mundo adulto sobre aquilo que irremediavelmente estava acontecendo na Europa com os judeus infiltram-se no texto através das fantasias de Joel (que se via e era considerado “rei e capitão” do grupo de petizes) e pela emulação ou reprodução (apenas no plano da estrutura dos fatos, não no conceitual) de alguns dos conflitos europeus e brasileiros no Bom Fim.

Esta característica inaugura a utilização de um certo componente estrutural nos relatos scliarianos, o qual será aprimorado e sofrerá metamorfoses ao longo de toda a sua carreira, a saber: a aproximação, mesclagem e confluência não hierárquica de espaços, tempos e identidades na tessitura textual dos fatos e ideias narrados. De uma maneira geral, pode-se dizer que, nos romances e contos do autor, o espaço urbano de Porto Alegre, seu principal cenário, é algo mais do que ele mesmo em sua materialidade empírica, ou seja, Porto Alegre e seus bairros são plenamente identificados como tais, porém alimentados pela imaginação e por processos metonímicos/metafóricos e semimiméticos, também representam e emulam outros espaços e tempos.

Este traço é especialmente claro em *A Guerra no Bom Fim*. Majoritariamente composto por material memorialístico, o romance apresenta uma galeria de tipos e situações bastante característicos de comunidades imigrantes recém instaladas no novo país. Seu caráter de produto construído a partir de farto material diretamente retirado da realidade é reforçado pelas diversas notas explicativas espalhadas ao longo do texto, nas quais o autor utiliza como fonte citações de cunho biográfico, científico e jornalístico.

Entretanto, os outros espaços e situações replicados são plenamente identificáveis, não havendo equívoco sobre seus limites. As obras do início de

sua carreira podem ser descritas, portanto, não como uma fusão plena de lugares e acontecimentos díspares entre si, mas como uma aproximação dos mesmos, tendo como elemento privilegiado as semelhanças de sua identidade estrutural, como se fosse uma sobreposição de transparências na qual alguns vértices dos desenhos coincidem, mas na qual ainda é possível seguir o traçado original de cada um deles em separado.

Isso tem consequências importantes para a estrutura narrativa das obras, uma vez que os planos do real da ficção³ e o da fantasia e sonhos são claramente distintos entre si para o leitor (não para a personagem Joel), embora, de romance a romance, haja cada vez mais interpenetração entre ambos, culminando com as experiências radicais das obras do final da década de 1990 e da de 2000, a serem examinadas oportunamente em outro artigo.

É no plano da imaginação infantil, elaborada a partir de “farrapos” de informações colhidas nas conversas dos mais velhos e na audição casual das notícias do rádio, que Joel transplanta a Segunda Guerra Mundial para terras brasileiras: Hitler, furioso com sucessivas perdas nas frentes de batalha europeias, resolve invadir o Bom Fim.

No faz de conta de Joel, os habitantes do bairro e suas redondezas são divididos em dois grupos: o dos defensores do Bom Fim, composto pelas crianças do bairro e capitaneados por Joel, e o dos aliados dos alemães, composto por adultos não judeus, principalmente aqueles que, de alguma forma, proferem discursos antijudaicos, como o funileiro polonês e a judia Rosa, ou que apenas são estrangeiros, como o casal de alemães. Até os animais são envolvidos nesse bipartidarismo imaginoso: a égua Malke Tube, trazida da colônia agrícola pelo avô de Joel, é pró-judaica, ao passo que o cão Melâmpio, que teve um olho vazado pelo pai do menino, é ferozmente antissemita.

Pode-se perceber aqui, pela formação dos dois blocos, algumas referências ao ambíguo clima nacional quanto ao conflito europeu. Por um lado, estando o Brasil em guerra com o Eixo, houve hostilidades contra cidadãos oriundos da Alemanha, Japão e Itália, o que leva os meninos do Bom Fim a imaginá-los como pérfidos espiões. Em contrapartida, o governo de Vargas praticava uma política antissemita e restritiva quanto à entrada de judeus refugiados dos campos de concentração nazista. Sendo ao mesmo tempo judeus e estrangeiros (muitos advindos de países e regiões dominadas pelo Eixo), esses imigrantes eram alvos potenciais para um duplo preconceito, o que realmente aconteceu, mas em uma dimensão muito reduzida.

O antissemitismo na Era Vargas, comprovadamente institucional, foi uma política de governo que nunca teve tradição nem firmou raízes entre os brasileiros. Não obstante, as ações governamentais no que diz respeito a que práticas deveriam ser adotadas na questão dos refugiados seguiam à risca algumas orientações dignas de figurar tanto em manuais da Inquisição quanto em panfletos divulgadores da ideologia nazista.

Em documentos há mais de vinte anos analisados por Maria Luiza Tucci Carneiro (1988), diplomatas brasileiros na época do conflito aconselharam ao Governo Federal a que restringisse, ou mesmo cancelasse de todo, a entrada de imigrantes judeus no país. As razões alegadas eram uma eclética mistura de visões preconceituosas veiculadas há séculos sobre o povo judeu, dentre elas a de que eram agentes de disseminação de ideologias alienígenas perigosas (comunismo, socialismo e anarquismo), agentes do capitalismo imperialista e, fundamentalmente, uma raça fraca e degenerada, que poria em perigo a eugenia do novo “homem americano”.

Talvez se encontrem nestes fatos históricos outra chave para a interpretação de alguns casos de

anormalidades corporais e comportamentais de algumas personagens, todas elas estrangeiras e/ou judias, como sinalizador da visão distorcida dos antissemitas e xenófobos: o funileiro polonês é alcoólatra e morre congelado ao dormir bêbado na rua; Rosa, que passa a odiar os judeus depois de se tornar prostituta, tem dentes na vagina; Nathan é tuberculoso e fraco; e até os animais pertencentes aos judeus carregam em si alguma anomalia, uma vez que a égua Malke Tube tem o poder de seduzir sexualmente os seres humanos do sexo masculino.

Berta Waldman (2003, p. 127-128) prefere identificar essas anomalias corporais, incluindo a anomalia do centauro, em *O Centauro no Jardim* (romance de 1980), como marco divisório, no plano do material e visível, das diferenças culturais que separam judeus e não judeus,⁴ como metáforas que apontam para sua discriminação e “estranheza” aos olhos da sociedade hegemônica e também, através da tentativa de superação dessas “anomalias”, a um desejo de integração, corporificado no anseio por conciliação entre um espírito judaico em um corpo *goi* (não judeu). Nesse sentido, a ensaísta assevera que:

Nos relatos de Scliar, o corpo dos judeus sofre as mais grotescas metamorfoses. É na singularidade física e nas moléstias que o judeu manifesta sua fragilidade e necessidade de atenção. A vagina dentada de Rosa (*A Guerra no Bom Fim*) e a parte equina de Guedali (*O Centauro no Jardim*) são maneiras de apontar a dificuldade e mesmo a impossibilidade de confronto com o mundo exterior, além de estigmatizar a diferença (WALDMAN, 2003, p. 128).

Creio ser bastante apropriada esta visão da autora. A diferença entre esta leitura e a minha é apenas concernente ao ponto de vista teórico que ado-

to. Waldman baseia suas análises em pressupostos antropológicos, ao passo que meus comentários estão ancorados em asserções de caráter histórico-político. Entretanto, não há discrepância entre os resultados das duas visadas sobre o tema, mas uma complementaridade.

Assim, Waldman (2003, p. 125-129) identifica que a outra face da moeda destas anomalias relaciona-se também com a estereotípia formulada no imaginário judaico sobre os não judeus, ressaltando a dicotomia entre o desejo pela integração ao meio ambiente sociocultural e o sentido de autopreservação da milenar cultura herdada, o que passa por uma mescla de sentimentos de medo e de superioridade.

Identifico os estereótipos sobre os não judeus presentes na obra de Scliar, aqui em especial os que têm lugar em *A Guerra no Bom Fim*, como a incorporação por parte dos imigrantes e de seus descendentes dos preconceitos vigentes na sociedade brasileira acerca de determinados grupos étnicos e sociais, como os negros (perigosos e assustadores), os mulatos (lúbricos e pecaminosos), os escravos (sempre bêbados, iconizados pela figura do funileiro polonês) e os pobres.

Essa assunção dos estereótipos dominantes na sociedade receptora, por um lado, aponta paradoxalmente para um processo de aculturação⁵ em curso e, por outro, cria também a consciência do pertencimento a um grupo de estigmatizados, com o conseqüente desejo de superação de uma situação de “subalternidade”. Veja-se um trecho que, ao mesmo tempo, aponta para esse duplo sentido de pertença: Schendl, mãe de Joel, surpreendendo-se e temendo ao ver o negro Macumba em seu quintal alagado pelas chuvas de final de verão, tenta defender-se do mesmo brandindo uma faca kasher de Pessach e vociferando maldições judaicas típicas da Europa Oriental.

Tinha na mão uma faca, a grande faca Kasher que seria usada para preparar os alimentos da Páscoa; empunhava-a como um gládio, disposta a profaná-la, a matar o negro com ela, para defender sua casa, seu marido, seus filhos.

Lentamente o negro atravessou o quintal, caminhando na direção dela. As águas avermelhadas se abriam à sua passagem. Em vão, Schendl recorria às poderosas pragas judaicas.⁶ Que te vires em cebola, cabeça enterrada na lama e corpo ao vento; que te vires em cigarro, molhado de cuspe numa ponta e queimado na outra; que te tornes um candeeiro, pendurado de dia e ardendo à noite...

Macumba respondeu com uma saudação gentil. Perguntou se não havia lenha para serrar; havia, e ele serrou muita lenha por um pouco de pão (SCLIAR, 1997 [1972], p. 22-23).⁷

O interessante nesta passagem é a simbologia do momento de encontro das duas culturas: às vésperas da Páscoa judaica, Macumba, tal qual Moisés, atravessa águas avermelhadas ao encontro de uma judia descendente de judeus europeus. Similamente ao grande legislador, que libertou o povo judeu e o guiou em direção a uma nova vida e a um novo pensamento, Macumba também porta consigo outra visão de mundo e vida desconhecida por Schendl e a percepção de que as duas mundivivências, apesar de radicalmente diferentes, não necessariamente teriam de se opor, mas complementarem-se. A seqüência do relato simboliza bem este sentido de complementaridade e permeabilidade pretendida como as principais características da cultura do Brasil de uma maneira geral:

[Macumba] Voltou muitas vezes depois, porque arranjara um emprego numa construção da Rua Henrique Dias. Nunca devorou ninguém. Ao con-

trário, era inimigo dos nazistas e amigo do Rei Joel, a quem tornou sábio como Salomão pelo ensino de segredos valiosos. [...]

Nesse tempo Nathan não comia; já padecia da doença que viria a matá-lo. Estava cada vez mais magro e tossia muito. Um dia viu Macumba almoçando e quis experimentar a marmita. Gostou do feijão com arroz, e ainda mais do pirão de farinha de mandioca, que comeu vorazmente. A partir de então Macumba dava a Nathan sua marmita e recebia de Schendl um prato com boa comida iidiche. [...]. (SCLIAR, 1997[1972], p. 24)

Como ressalta Berta Waldman (2003), veem-se nesta passagem não apenas um salutar intercâmbio cultural, mas também um sentido de solidariedade e de partilha de um destino comum, simbolicamente representados pela coincidência de situações e aspirações de vida entre as personagens judias e brasileiras: as pequenas e fugazes alegrias de Schendl (comer uma bala, assistir a um bom filme, ter um vestido bonito) são as mesmas de Madalena, a mulata sensual; e o negro Macumba contrai e, possivelmente, morre da mesma doença que também acaba por levar Nathan.

Voltando a considerar a reduplicação dos espaços no romance de estreia do autor gaúcho, percebe-se que outro lugar a que remete o Bom Fim, por suas características geográficas e socioculturais, é o *shtetl* da Europa Oriental. Esta constatação não é nova na crítica sobre a obra em questão. Entretanto, a “replicação” da aldeiazinha judaica nas ruas do Bom Fim é de uma força tão lírica nas páginas do romance que alguns estudiosos se sentem tentados a estender estas características ao todo da ficção scliariana, esquecendo tanto das especificidades do bairro porto-alegrense e do caráter memorialístico da narrativa quanto das áreas de confinamento da Rússia czarista.

Em uma primeira e básica instância, Scliar não poderia reproduzir *ipsis litteris* o *shtetl* em sua escrita por dois motivos: em primeiro lugar, o autor nasceu no Brasil, seu conhecimento do *shtetl* é um saber mediado (como todos os saberes, mas especialmente neste caso) pelos relatos dos imigrantes com quem teve contato. Em segundo lugar, e o que é mais importante, apesar do farto uso de material memorialístico, o autor não escreve memórias, biografia, jornalismo ou estudo acadêmico; estamos diante de uma obra de ficção.

Sob este ponto de vista, o que encontramos em *A Guerra no Bom Fim* é uma reinvenção do *shtetl*. Scliar escreve sobre os resquícios e sobreviventes de uma cultura transplantada para terras brasileiras. A “aldeiazinha judaica”, sua sociologia e seus tipos são aqui focalizados nos seus estertores, no seu progressivo declínio frente ao novo ambiente em que os judeus se instalaram. Como na Europa, o *shtetl* também encontra no Brasil o seu (bom) fim, ressaltadas as enormes distâncias entre o desaparecimento que se dá por meio da destruição física e aquele que se dá por meio de irresistíveis e irreversíveis processos sociopolíticos, culturais e econômicos.

Em uma curta biografia literária, Scliar (2002, p. 16)⁸ faz a seguinte declaração sobre o bairro em que passou sua infância: *No Bom Fim vivíamos todos, judeus e goim, como uma imensa família. Entrávamos nas casas uns dos outros, a qualquer hora.* Pelo que se depreende da citação e também de muitas passagens do romance em questão, ao contrário do *shtetl*, quase que totalmente isolado e economicamente estagnado, o Bom Fim nunca foi um bairro exclusivamente judaico.

Naturalmente, isso leva a que o bairro também tenha o caráter de microrrepresentação da vida brasileira de maneira geral, e não apenas enquanto lugar de representação e transposição de caracte-

rísticas e conflitos judaicos e europeus. Entretanto, essa dimensão é inegável, exercendo o papel de fio condutor e coluna mestra da narrativa.

As constantes referências às pinturas de Chagall que retratam o *shtetl*, comparando-as com aspectos e tipos do bairro (a gata Lisl, os violinistas nos telhados, comparados ao fraco, sonhador e doente Nathan); as situações kafkianas, como o suicídio de Marcos; e tragicômicos fatos cotidianos, à moda de Sholem Aleichem, como a tentativa de sexo entre os avós de Joel, a insistência da avó, às portas da morte, em pechinchar o preço das verduras e a surra que Samuel dá em Shendl usando como arma um gato morto contribuem para criar um clima lírico/satírico/nostálgico por um mundo desaparecido em seu lugar de origem, mas que ainda era acessível na realidade empírica do exílio e, sobretudo, na memória.⁹

Pode-se ter uma noção das relações sociais que se processam no Bom Fim e do caráter plural do bairro pela seguinte passagem:

Mas, em geral, as noites eram quietas; noites de inverno, ruas quase desertas. As famílias se reuniam em torno da mesa da cozinha. Um *samovar* fumegava. Tomava-se chá; comia-se bolachas, *latkes*, sementes de girassol. Da Oswaldo Aranha vinha o pregão do vendedor de pinhões: pinhão quente, gritava ele, está quentinho o pinhão. Contava-se uma história da Rússia, outra história da Rússia. (SCLIAR, 1997[1972], p. 8)

Em um primeiro plano, o que mais chama atenção na passagem é o contraste entre a manutenção de costumes europeus – o uso do *samovar*, o tomar chá e o comer *latkes* – e hábitos típicos da cultura brasileira da Região Sul do país – o consumo e venda do pinhão. Enquanto os primeiros circunscrevem-se na esfera do familiar e do privado, ancora-

dos em performances e elementos simbólicos e cada vez mais atualizados por procedimentos discursivos/narrativos/textuais (a sucessão de histórias da Rússia), os segundos fazem parte da esfera do público e do palpável, tornando-se cada vez mais concretos no cotidiano do grupo, uma vez que o pregão “invade” a intimidade aconchegante da cozinha e, embora também ancorado no discurso, remete à materialidade cultural do ambiente.

Entretanto, neste estágio, o Bom Fim ainda é um espaço em que é possível atualizar as histórias da Rússia no empirismo das situações cotidianas. Uma dessas atualizações se dá por via do conflito entre religiões: os meninos do Bom Fim temiam a chegada da Páscoa Cristã. Nada melhor do que começar a análise pelo próprio texto:

O verão chegava e com ele, *Chanuka*, a Festa das Luzes, Joel e Nathan acenderam velinhas, lembrando os Macabeus. Depois viria o *Pessach* e eles comeriam o pão ázimo, recordando a saída do Egito; e depois a Sexta-Feira da Paixão. E por fim o Sábado de Aleluia, dia em que até as pedras da Rua Fernandes Vieira estavam cheias de ódio contra os judeus. Os cinamomos baixavam seus ramos para feri-los, o feroz cão “Melâmpio” vinha do arrabalde para persegui-los latindo. Os *goim* caçavam judeus por todo o Bom Fim. No dia seguinte estariam reconciliados e jogariam futebol no campo da Avenida Cauduro, mas no Sábado de Aleluia era preciso surrar pelo menos um judeu. (SCLIAR, 1997[1972], p. 49-50)

Não é difícil identificar aqui duas situações emuladas ou duplicadas: os *pogroms* e as acusações medievais de deicídio. Entretanto, os judeus sempre foram vitimados pelas duas situações referidas enquanto grupo, não enquanto indivíduos isolados (*surrar ao menos um judeu*), o que sugere que,

no Brasil, tais fatos apresentaram-se como problemas pontuais de adaptação da comunidade judaica. Mais ainda, as consequências dos *pogroms* e massacres medievais eram terríveis para os judeus, como extermínio físico de centenas de pessoas e de suas residências e o deslocamento geográfico dos remanescentes, causando sempre uma reconfiguração na demografia do povo.

Por seu turno, as consequências desses “incidentes”, que se davam apenas entre meninos, não eram maiores do que um braço torcido, um lábio rachado ou um nariz quebrado. As reconciliações e as prováveis “desforras” eram possíveis e se davam na prática de um dos maiores ícones da ludicidade brasileira: jogos de futebol. Vejamos um trecho que narra uma partida com o objetivo cessar o assédio de um bando de meninos negros à turma do Bom Fim:

Nas fronteiras do Bom Fim a situação era sempre perigosa. Além dos nazistas, as turmas da Rua Esperança, Cabral, São Manuel e Mariante enfrentavam constantemente o assédio dos poderosos negros da Colônia Africana. Acabaram por se defrontar em um jogo de futebol que se realizou no território neutro do Campo de Pólo, ao sul do Bom Fim. A partida não terminou; interrompida por brigas, terminou numa batalha de bosta. A munição, abundante, era fornecida pela égua “Malke Tube” e outros mueres que ali pastavam – no terreno onde depois seria construído o Hospital das Clínicas. Bombardeados com esterco seco, os defensores do Bom Fim ainda resistiram; quando os inimigos passaram a usar as bolas ainda úmidas e fumegantes, bateram em retirada. Era mais fácil enfrentar os nazistas. Os negros riam e prometiam fazer churrasco de judeuzinho. Eram malvados aqueles negros. (SCLIAR, 1997 [1972], p. 22-23)

Ou seja, ao contrário do que ocorria na Europa Oriental e na Idade Média, essas “incursões antisemitas” ao Bom Fim não eram algo organizado e enraizado na cultura brasileira. O fato de que isso representa apenas um “divertimento” de meninos, superinterpretando o que ouviram na igreja e no lar, aponta bem para a inconsequência de tais atos. Se o Bom Fim é um lugar no qual meninos cristãos vêm espancar meninos judeus como vingança pela morte de Cristo, o mesmo também é um espaço no qual os judeus podem se defender de seus atacantes, o que nos faz lembrar dos acontecimentos relatados no Livro de Ester, na Festa de Purim.

Descrevendo os conflitos como querelas entre garotos e relacionando-os a uma festividade alegre (Purim), Scliar descaracteriza o Bom Fim como um completo *simulacrum* do *shtetl*, emprestando-lhe o *status* de um lugar de confluência entre as tradições judaicas e os padrões de sociabilidade do novo país de estabelecimento. Como na segunda parte de *Motl*, de Scholem Aleichem, pode-se ver aqui o início de um processo de dotação de legitimidade à diáspora enquanto um lugar viável para um viver judaico, embora sem os exageros otimistas, criticamente caricaturais, que caracterizam aquela narrativa do mestre do humor iídiche.

Como suporte a esta hipótese, há o fato de que na primeira edição de *A Guerra no Bom Fim* havia uma segunda parte, retirada das edições subsequentes, cuja ação transcorria em Israel (Joel torna-se dentista e viaja para Israel a fim de participar de um congresso de odontologia).¹⁰ Scliar credita a retirada desta segunda parte do romance a um possível comentário desabonador de um leitor sobre a mesma. Segundo o autor, a pessoa em questão lhe disse que havia adorado o romance, mas que, sem dar motivos, não havia gostado da segunda parte. Perante esta avaliação negativa, Moacyr simplesmente resolveu retirá-la de seu livro.¹¹

Embora as reações de público e crítica sejam elementos importantes para o delinear do projeto romanesco de um autor, não creio que sejam suficientes e determinantes para que um artista imponha-se a tarefa sempre árdua de “mutilar” sua obra (radicalmente, neste caso). Não argumento aqui que Scliar esconda deliberadamente as verdadeiras razões para o corte realizado, mas fundamentalmente, creio que se trate de um processo semiinconsciente de depuração de sua prática escritural; obedecendo a critérios nem sempre claros na consciência autoral de economia textual, de compreensão de experiências potencialmente ficcionalizáveis e de pragmática público/editorial.

Grosso modo, se na primeira parte do romance o Bom Fim é caracterizado como um lugar que replica outros lugares e situações, na segunda parte da narrativa Israel pode ser visto como uma réplica do Bom Fim; ou seja, as mesmas características e acontecimentos que marcam a diáspora marcam também a vivência na Terra Prometida. Vejamos: assim como o menino Joel fantasiava combater os nazistas, também o menino árabe Abu Shihab fantasiava combater e aniquilar os judeus que queriam roubar-lhes a terra; no Bom Fim, o judeu Eli se casa e vive muito feliz com uma mulata, promovendo a fusão das raças. Do mesmo modo, em Beer Sheva, uma judia brasileira se casa muito feliz com um beduíno. Até mesmo as situações mais hilárias, como a tentativa de sexo entre os avós de Joel, encontram sua contraparte na Terra Santa, como a tentativa exatamente igual de sexo entre o casal de idosos imigrantes russos que hospedam Joel em Haifa.

Aparentemente, Scliar sugere que as soluções de adaptação encontradas pela experiência diaspórica brasileira poderiam muito bem constituir-se em soluções para os conflitos do Oriente Médio. Ou melhor, que sendo também um país de imi-

grantes, Israel, neste sentido, também seria uma “diáspora” e que, portanto, deveria ser similar às outras dispersões judaicas. Entretanto, e o que pode ter sido um dos motivos para o posterior corte deste texto, o autor pode ter se dado conta de que esta seria uma percepção fundamentalmente equivocada do potencial de ficcionalização da realidade da região.

Se a origem principal da imigração para Israel e de outras diásporas judaicas do século XX é a mesma, a Europa Oriental, as características e desenvolvimentos que tomou no Oriente Médio são totalmente outros: o trabalho bem-sucedido na terra, a criação de um Estado Judaico, a disputa de espaço territorial e político com a população nativa, a tentativa de criação de um sentido forte e específico de nacionalidade (com fortes tons anti-diaspóricos) e o permanente estado de tensão bélica são elementos não experienciados pelas comunidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Nova Iorque ou Chicago e que, portanto, requerem representações e respostas ficcionais específicas.

No nível narratológico, as imagens e sugestões da presença virtual de outros lugares, tempos e situações em Israel perdem muito da força lírica e humorística que encontramos na primeira parte da obra, carecendo na maioria dos casos de um sentido de macrorrepresentação e reflexão sobre as questões dos rumos coletivos, deixando-nos uma coleção de angústias individuais cujas origens não são muito bem localizadas ou mesmo sugeridas. Este desequilíbrio entre suas duas partes torna a leitura do romance, em sua primeira versão, um tanto enfadonha para o leitor, que se vê obrigado a um esforço extra para tentar estabelecer uma conexão válida entre ambas.

Scliar, com o expurgo das “adiposidades” do texto, concentra então sua pena principalmente

nas questões diaspóricas brasileiras, apontando para o fato de que, ao menos em um primeiro momento, todos os desafios, dilemas e contradições da vida judaica fora da Terra Prometida devem ser resolvidos, ou não, no próprio lugar de sua emergência.

NOTAS

1 Não me concentrarei aqui na história e na análise da experiência baldada dos assentamentos judeus no Rio Grande do Sul, tais como a Colônia Philippson e Quatro Irmãos, uma vez que há bibliografia específica e confiável para o tema de um ponto de vista sociológico.

2 Dada a abundância de referenciais bibliográficos e midiáticos sobre o tema, também não me deterei na descrição pormenorizada dessas viagens marítimas.

3 “Real da Ficção” é um termo de narratologia usado para indicar acontecimentos e coisas que são percebidas como realidade empírica pelas personagens de romances e contos. O termo faz distinção entre o que tem estatuto de real e aquilo que tem *status* de fantasias e sonhos na perspectiva das personagens em uma obra de ficção.

4 A autora ainda ressalta que “é importante lembrar que o corpo sempre foi discriminado ao longo da história judaica em benefício da superioridade do espírito” (WALDMAN, 2003, p. 128).

5 É por essa via também que aparece no romance umas das poucas referências na obra scliariana ao Holocausto. Sobre isso, a análise de Berta Waldman, em texto ainda inédito, é exemplar: “Quando os filhos de Ralph matam gratuitamente o velho judeu e o transformam em churrasco, eles estão promovendo a passagem de uma expressão metafórica em literal, e alçando a situação ao plano fantástico. É a mulata Maria, mãe das crianças criminosas que, em sua ignorância (ela não sabe o que os filhos e o leitor sabem), começa a comer o corpo de Samuel. Para além dos aspectos macabros que o episódio suscita, podemos interpretá-lo pelo viés antropofágico. Quando Maria come a carne humana, o autor a transforma em

canibal nativa. Ela é a autóctone em oposição ao marido e aos filhos que se parecem ao pai, o europeu civilizado, branco. Através do comportamento do branco europeu e do nativo, o leitor é levado a avaliar uma das consequências banais da colonização: a corrupção dos nativos pelo europeu, este o verdadeiro bárbaro, numa inversão clara da óptica colonialista. Com este episódio, o autor ilustra um crime macabro que indicia o extermínio nazista, ao mesmo tempo em que inclui uma tomada de posição com relação ao processo bárbaro de colonização a que o branco e europeu submeteu o Brasil e a América Latina” (WALDMAN, 2005, p. 7-8).

6 As pragas citadas foram coletadas por Abraão Finkelstein.

7 Nas citações das obras de Scliar, o ano da primeira edição do livro citado virá sempre entre colchetes, logo após o ano da edição utilizada.

8 Scliar, 2002.

9 Não comentarei aqui extensivamente essa galeria de figuras típicas do shtetl, que podem ser encontradas neste e, em menor número e importância, em outras narrativas scliarianas. Um inventário e análises bastante completos podem ser encontrados no estudo seminal de Gilda Salem Szklo, *O Bom Fim do Shtetl*, Moacyr Scliar (1990).

10 Utilizo como fonte de análises e citações a sétima edição do romance, de 1997. A primeira edição de *A Guerra no Bom Fim*, com a referida segunda parte, encontra-se indisponível nas livrarias, bibliotecas e sebos em que a procurei. Entretanto, uma fotocópia do texto em questão me foi gentilmente cedida pelo autor, a quem agradeço a contribuição valiosa.

11 SCLiar, Moacyr. “Depoimento sobre sua obra”. In 9º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, julho de 2004. Anotações do autor deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVITSH, S. Y. [Mendele Mokher Sforim]. *Mas’ot Benyamin ha-Shlishi* (“Viagens de Benjamin Terceiro”). Tel

- Aviv: Dvir, 1950.
- AGNON, S. Y. *In the Heart of the Seas; A Story of a Journey to the Land of Israel*. Tr. I. M. Lask. New York: Schocken Books, 1947.
- _____. *Ayer y anteayer* ["Tmol Shilshom"]. Tr. Etti Elkin de Hoter. Barcelona: Plaza & Janes, 1969.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estética e de literatura; a Teoria do Romance*. 4. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.
- BRUMER, Anita. *Identidade em mudança; Pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo na era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CORNELSEN, Elcio. "O Shtetl e seus Sapateiros" in SCARPELLI, Marli; DUARTE, Eduardo (org.). *Poéticas da Diversidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2002, p. 318-342.
- CÚNEO, Dardo. e outros. *Inmigración y Nacionalidad*. Buenos Aires: Paidós, 1967.
- DECOL, René D. "Judeus Brasileiros: um Panorama Demográfico" in *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1998, nº 3, p. 53-67.
- EZRAHI, Sidra Dekoven. *Booking Passage; on Exile and Homecoming in the Modern Jewish Imagination*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- GRIN, Mônica, VIEIRA, Nelson (org.). *Experiência Cultural Judaica no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros; o Componente Judaico na Literatura Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LIA, Cristine Fortes "Judaísmo e Gauchismo através do Humor e do Fantástico nas Obras de Moacyr Scliar". In: *Revista de Estudos Judaicos*. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 2003/2004, p. 103-109.
- NASCIMENTO, Lyslei. "Borges e Scliar: o Corpo, a Memória e o Arquivo". In: NOJOSA, Urbano e GARCIA, Wilton. *Comunicação & Tecnologia*. São Paulo: U.N.
- RIMMON-KENAN, Shlomith. *Narrative Fiction*. 2nd edition. London and New York: Routledge, 2002.
- SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaima – os Judeus que Descobriram o Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamon, 2000.
- SCLIAR, Moacyr. *A Guerra no Bom Fim*. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997 (cf. 1972).
- _____. *Judaísmo, dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *Memórias de um aprendiz de escritor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- SELIGMAN-SILVA, Márcio. "Judeu-Brasileiro: traduzindo um Passado e um Contexto Hospitaleiro/Hostil" in *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1998, n. 3, p 321-336.
- SHOLEM ALEICHEM. *Motel* ["Motel, o Filho do Chantre"]. Buenos Aires: Acervo Cultural Editores, 1960.
- SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do Shtetl*; Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- VIEIRA, Nelson (org.). *Construindo a imagem do judeu; Algumas abordagens teóricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Jewish Voices in Brazilian Literature; a Prophetic Discourse of Alterity*. University Press of Florida, 1996.
- WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros; Presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *Os mortos mudam de lugar*. Literatura e memória. Jerusalém: Mímeo, 2005.